

INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maisa Pires Pacheco
Neila Maria Mendes Borges

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD), modalidade de educação em que há uma distância espacial e temporal entre professores e estudantes, vem evoluindo, a cada ano no Brasil, em qualidade, objetivos, conceitos, didáticas, práticas, e alcançando um público maior e mais heterogêneo do que inicialmente atingiu. O público da EaD era formado principalmente por pessoas que não tinham tido oportunidade de estudar por falta de escolas públicas gratuitas e de qualidade e de acesso a elas, ou seja, era de pessoas pobres. Isso acabou gerando certo preconceito sobre a modalidade, de que era um engodo, um paliativo, uma ação assistencialista e sem qualidade.

Conforme Maia e Mattar (2007), cada vez mais aumenta o número de instituições credenciadas que oferecem cursos na modalidade EaD: desde a quantidade de cursos, de professores, de alunos, de empresas que, de uma forma ou de outra, atendem à demanda da EaD, até de publicações científicas sobre o assunto e investimentos em novas tecnologias.

De acordo com Alves (2009), o Brasil esteve bem colocado no *ranking* internacional de desenvolvimento da EaD até os anos 1970. A partir dessa época, outras nações continuaram avançando e o Brasil estagnou, devido à inexistência de uma regulamentação que tratasse a modalidade realmente como uma possibilidade democrática de acesso à educação. Porém, no final do milênio, verificou-se a expansão e o fortalecimento da EaD. Preti (1996) cita projetos de Educação a Distância bem conhecidos no Brasil antes do advento do mundo digital, como Projeto Minerva, Logos I e Logos II, Telecurso 2º grau, mais tarde o Telecurso 2000, Salto para o Futuro, TV Escola e ProFormação, entre os quais alguns tiveram sucesso, e foi dada continuidade e outros não, por não atingirem a ampla adesão desejada e/ou por não se efetivar em todo o País e, sim, apenas de forma mais regionalizada.

Considerando a qualidade da educação no Brasil hoje, e, por isso, a urgência de solucionar os problemas da formação inicial e continuada dos professores, e ainda a necessidade de adequação e adaptação para a utilização de tecnologias modernas, a EaD se apresenta como modalidade efetiva e eficiente.

1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: OBJETIVOS, CONCEITOS E CONTEXTOS

O termo EaD é utilizado tanto com o significado de Educação a Distância como Ensino a Distância. Entretanto, partindo-se da compreensão de educação como uma ação mais ampla onde ocorre um processo que conta com o ensinar os alunos e o aprender deles e com o aprender dos professores, entendemos que o termo Educação a Distância é mais adequado.

O conceito primordial de EaD é apresentado por Alves, Zambalde e Figueiredo (2004):

Uma atividade de ensino e aprendizado sem que haja proximidade entre professor e alunos, em que a comunicação bidirecional entre os vários sujeitos do processo (professor, alunos, monitores, administração) seja realizada por meio de algum recurso tecnológico intermediário, como cartas, textos impressos, televisão, rádio difusão ou ambientes computacionais. (ALVES, ZAMBALDE e FIGUEIREDO, 2004, p. 6).

Guarezi e Matos (2009, p. 129) resumem a EaD como “um processo evolutivo, que começou com a abordagem na separação física das pessoas e chega ao processo de comunicação, incluindo, no final do século XX, as tecnologias da informação”. E, certamente, continuará incluindo as tecnologias que forem surgindo, por isso, a formação contínua dos pesquisadores da EaD, mais do que em outras áreas, é essencial.

Conforme Azevedo (2005), atualmente, há duas modalidades de EaD:

Os mais recentes desenvolvimentos no campo da EaD têm nos levado, a grosso modo, a duas modalidades: uma de perfil notadamente auto-instrucional, desenvolvida no contexto da sociedade industrial e perfeitamente adaptada às exigências desta sociedade, e outra de perfil mais colaborativo ou sócio-interacionista, desenvolvida no contexto do surgimento da chamada “sociedade pós-industrial” ou da “informação”, em resposta a novas demandas desta nova sociedade (AZEVEDO, 2005, p. 25).

A modalidade colaborativa, além de ser mais adequada aos tempos atuais e, por isso, mais prática, possibilita a interação entre professores e alunos e entre alunos e alunos, o que dá um caráter coletivo à aprendizagem e estimula a criatividade.

O Ministério da Educação, no documento “Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância” (BRASIL, 2007), alerta para fato de que:

Não há um modelo único de educação a distância! Os programas podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. A natureza do curso e as reais condições do cotidiano e necessidades dos estudantes são os elementos que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada, bem como a definição dos momentos presenciais necessários e obrigatórios, previstos em lei, estágios supervisionados, práticas em laboratórios de ensino, trabalhos de conclusão de curso, quando for o caso, tutorias presenciais nos pólos descentralizados de apoio presencial e outras estratégias (BRASIL, 2007, p. 7).

A reflexão a partir da prática e da análise do percurso já feito pela EaD asseguram a adaptação e a criação de modelos para obtenção dos melhores resultados conforme o contexto vivido.

Ainda há controvérsias na literatura sobre os objetivos originais da EaD. Mill *et al* (2008) revelam que ela surgiu nos Estados Unidos e na Europa no final do século XIX, com o objetivo de atender à demanda por conhecimentos profissionais e às necessidades de pessoas que (e/ou): não tinham oportunidades de estudar por residirem em locais distantes dos centros mais desenvolvidos; não estavam em idade adequada para frequentar a escola, estavam passando por situações que as excluam do processo educacional regular. Desse modo, a criação da EaD nesses lugares não foi motivada pelas desigualdades sociais causadas pelo sistema econômico injusto, como se lá elas não existissem e o sistema não fosse o seu principal causador. A EaD surgia como uma vantagem do sistema, uma possibilidade de atender demandas individuais específicas.

Não podemos esquecer que a EaD tem proporcionado essa oportunidade de estudar e/ou se atualizar, seja fazendo um curso superior, uma pós-graduação ou cursos de qualificação profissional, às pessoas que têm limitações motoras, pois essas e outras pessoas com alguma deficiência têm sido excluídas do processo educacional.

Nesse aspecto, conforme Gadotti (2010),

A EaD evoluiu muito nesses últimos anos e deverá evoluir muito mais nos próximos, nas suas parcerias e no seu trabalho em rede. Nossos velhos hábitos irão mudar, como estão mudando velhos hábitos de comprar tudo presencialmente. Não significa que vamos abandonar nossas metodologias e conceitos clássicos, mas eles serão melhor adequados ao mundo digital, não competindo com ele, mas integrando-se a ele. O tempo e o espaço das instituições de formação, particularmente das universidades, irão se alargar muito mais. Elas funcionarão 24 horas por dia (GADOTTI, 2010 p. 24).

Há de se ressaltar, como é reafirmado por Demo (2007, p. 90), que não há uma relação direta entre a evolução tecnológica na EaD e uma necessária e correspondente evolução pedagógica: “sempre é possível usar a tecnologia mais avançada para continuar fazendo as mesmas velharias, em particular o velho “instrucionismo” porque por trás das tecnologias está o homem.

O uso das tecnologias não garante aprendizagem significativa em EaD, como em qualquer outra modalidade não garante a inovação, pois, nesse caso, a tecnologia é apenas ferramenta extra que deve ser utilizada da maneira mais adequada para que os objetivos pedagógicos propostos sejam alcançados. Para Schlemmer (2006):

Usar uma nova tecnologia não garante inovação, a inovação está na forma criativa de utilizá-la, na forma como aproveitamos todas as possibilidades para os processos de ensino e de aprendizagem, de outra forma, podemos estar simplesmente falando de uma novidade e não de uma inovação. (SCHLEMMER, 2006, p.11).

E como nenhuma educação se faz também sem conteúdo, conforme Libâneo (1983, p. 134), “é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos e reconheçam neles o auxílio ao esforço de compreensão da realidade”, porque, ao final, a compreensão da realidade é a eterna busca do homem.

2. AS LEIS

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 (Lei nº 9.394, de 1996), a EaD no Brasil acelerou seu crescimento e, 10 anos depois, com a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), o atendimento da crescente demanda de formação de profissionais para a própria EaD e para outras áreas tem se efetivado especialmente com a oferta de cursos e programas de educação superior por todo o interior do País.

A EaD, a partir dessa Lei, ganhou visibilidade e tornou-se uma modalidade integrada ao sistema de ensino oficial, tornando possível a criação de novos cursos e a incorporação de novos conteúdos, práticas pedagógicas e procedimentos de avaliação, o que amplia legal e democraticamente o direito do cidadão a ter acesso à educação de qualidade, considerando-se que ela seja preferencialmente pública e gratuita (NISKIER, 1999).

A regulamentação do artigo 80 da LDB, pelo Decreto nº 5.622/2.005, estendeu aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* a utilização da EaD, viabilizando o crescimento da oferta de programas de mestrado e doutorado e a criação da Universidade Aberta do Brasil em 2006. Isso foi um passo importante na educação no Brasil para a articulação das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas que, utilizando a EaD, passam a ofertar mais cursos em várias áreas, mas, principalmente, cursos de formação de professores para a Educação Básica (GOMES, 2007).

3. INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA DAS DISCIPLINAS DA EaD

Na maioria dos cursos na modalidade EaD, em todos os níveis, a disciplina Introdução à Educação a Distância possibilita um melhor aproveitamento dos estudantes com essa modalidade de educação que utiliza ferramentas comuns no cotidiano da maioria deles, mas que precisam ter sua finalidade pedagógica bem compreendida. Assim sendo, a disciplina apresenta e discute aspectos históricos, a importância da EaD no Brasil e no mundo, e ferramentas tecnológicas que serão disponibilizadas durante o processo de educação. Fornece uma visão geral do curso e contribui para a compreensão do que é Educação a Distância, seu funcionamento e estrutura, para que o estudante aproveite melhor o sistema e as práticas que caracterizam a modalidade.

Estudar a distância, além de exigir domínio da tecnologia utilizada, requer comprometimento, disciplina, autonomia de estudo, respeito aos prazos estabelecidos, capacidade do aluno organizar o próprio tempo para as atividades e, principalmente, de estar aberto para aprender coletivamente e interagir construtiva e eticamente com os colegas e professores/tutores.

4. ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

A EaD tem contribuído de forma muito significativa para a discussão e revisão do paradigma tradicional de educação, aquele para o qual a educação é reprodutora de conhecimento, centrada no papel do professor que sabe e ensina o aluno que nada sabe. Uma educação em que todos os sujeitos nela envolvidos aprendem, além de privilegiar atividades reflexivas e críticas, ao mesmo tempo em que promove a participação, a interação, a colaboração e a autonomia. A EaD oferece um contexto favorável à promoção e à prática desse conceito de educação porque a distância espacial e temporal facilita a abdicação pelo professor de seu posto hierárquico, de sua “nobreza”, da sua “bondade” de dar a quem não possui, e pode levar o aluno a sair de sua “zona de conforto”, a mudar de passivo para ativo, correndo todos os riscos que isso traz. Mas não é o caso de fazer crer que a EaD é a “salvadora da pátria Educação”.

A EaD tem muitas particularidades. Desde as relações humanas virtuais até a formação dos professores, tutores e mais cargos e funções. As semelhanças e diferenças com a educação presencial podem influenciar diretamente, de forma positiva ou negativa, as práticas e os resultados da EaD.

Para o aluno, a reflexão sobre os aspectos didático-pedagógicos na EaD vai ser centrada no fato de que, conforme Preti (2000, p. 53), “[...] estudar sem a presença regular de colegas e professores desafia [...] o aluno a superar suas limitações pessoais e desenvolver sua capacidade de aprender autonomamente, de aprender a aprender”.

Mas, sem a presença física de colegas e professores, outro aspecto didático-pedagógico da EaD, a interação pode ocorrer com características maléficas à educação, que podem afetar todos os envolvidos diretamente e a sociedade indiretamente. Por exemplo, interações com a falta de ética, violência, indiferença, subjugação. Isso exige árbitros e coordenadores justos e atentos que, na verdade, são reais e por isso suas ações têm que ser muito mais rápidas e acertadas para serem efetivas.

O aluno apresenta características comportamentais na EaD diferentes das que tem na educação presencial. O quadro a seguir traz a comparação do aluno nas duas situações.

Quadro1: Comparativo aluno presencial e a distância.

Presencial	Distância
Homogêneos quanto à idade e qualificação.	Heterogêneos quanto à idade e qualificação.
Homogêneos quanto ao nível de escolaridade.	Heterogêneos quanto ao nível de escolaridade.
Lugar único de encontro.	Estudam em casa, local de trabalho.
Residência local.	População dispersa.
Situação controlada–Aprendizagem dependente.	Situação livre – Aprendizagem independente.
Maioria não trabalha.	Maioria trabalha.
Habitualmente, crianças, adolescentes e jovens.	Maioria adulta.
Realiza-se maior interação social.	Realiza-se menor interação social.
Educação é atividade primária.	Educação é atividade secundária.
Tempo integral.	Tempo parcial.

Fonte: Rede e-Tec Brasil – Metodologia EaD.

Apesar de tantas e tão grandes diferenças entre aluno presencial e aluno a distância, a existência dos dois na sociedade, mesmo que em tempos diferentes, leva à adaptação de um ao outro. Conforme Pallaff e Pratt (2004, p.27), “o aluno virtual é aquele que sabe como trabalhar, e de fato trabalha, em conjunto com seus colegas para atingir seus objetivos de aprendizagem estabelecidos pelo curso”.

Além desses aspectos já mencionados, segundo Alves e Nova (2003), os alunos dos cursos a distância, mais que os dos cursos presenciais, necessitam ter motivações sérias e pessoais para que, efetivamente, tenham melhor aproveitamento, que respondam a uma necessidade e aos seus interesses.

A sala de aula, enquanto elemento que possibilita que em atividades de educação presencial estejam juntos fisicamente professor e alunos, tem endereço, lugar físico fixo. Mas, enquanto elemento que estabelece comunicação entre professor e alunos em atividades de educação a distância, sem a necessidade de que eles estejam juntos no mesmo espaço e no mesmo momento, não tem endereço, lugar físico.

[...] a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um modem e uma linha de telefone, um satélite ou um link de rádio. Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber (HARASIM et.al, 2005, p. 19).

Na EaD, na relação sala de aula, sem lugar físico fixo, o aluno é real-virtual e o professor também. Esse professor de dupla natureza tem como característica ser:

O professor que associa as tecnologias da informação aos métodos ativos de aprendizagem, desenvolve habilidades relacionadas ao domínio de tecnologias, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais, possibilitando ao aluno a reflexão sobre a sua própria prática, ampliando as possibilidades pedagógicas das Tecnologias da Informação. (MARTINS, 2002, p.28).

A EaD requer, portanto, professores formados de forma diferente. Os cursos de formação de professores tutores, professores autores, professores formadores e pesquisadores, ou quaisquer outras classificações deste sujeito, devem lhes potencializar o aproveitamento do aparato tecnológico disponível para cada metodologia utilizada. Nesse sentido, para Valente (2000):

[...] o processo de formação deve prover condições para o professor construir o conhecimento sobre as técnicas computacionais, entender o porquê e como integrar o computador na sua prática pedagógica e ser capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica e, com isso, possibilitar a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno (VALENTE, 2000, p.104).

Entre estes diferentes tipos de professores existentes na EaD, o professor tutor responde pela maior parte do sucesso de um curso, pois ele, além de estar continuamente em contato com o aluno utilizando a tecnologia para mediar, orientar e estimular esse estudante para ser autônomo em sua aprendizagem, dá direção ao que foi posto em ação pelo professor formador a partir do que os professores autores e pesquisadores elaboraram.

Conforme Lázaro e Asensi (1989 apud SILVA, 2008), ser tutor na EaD é como sê-lo no presencial, pois:

Ser tutor é ser professor que se encarrega de atender diversos aspectos que não são tratados nas aulas. O tutor também é o professor, o educador integral de um grupo de alunos. A tutoria é uma atividade inerente à função do professor, que se realiza individual e coletivamente com os alunos em sala de aula [virtual ou física] a fim de facilitar a integração pessoal nos processos de aprendizagem; é a ação de ajuda ou orientação ao aluno que o professor-tutor pode realizar além de sua própria ação docente e paralelamente a ela. (LÁZARO e ASENSI, 1989 apud SILVA, 2008, p. 37).

Dessa forma, o trabalho do professor tutor é facilitar e mediar o diálogo entre alunos e professores, entre o aluno e o material disponível para estudo, entre o aluno e as tecnologias. Enfim, é promover produção de sentido ao processo de construção do conhecimento, pois essa interação cotidiana é imprescindível.

Por fim, a avaliação é outro importante aspecto didático-pedagógico da EaD. Considerando a modalidade do tipo colaborativa, em que se utiliza um ambiente virtual, a avaliação desse e nesse ambiente tem que ser abrangente e contínua e envolver todos os sujeitos participantes para a manutenção da qualidade do ensino-aprendizagem. Na avaliação, podem ser utilizadas todas as ferramentas do ambiente virtual, inclusive criar agentes gerenciadores com os quais se filtre nas respostas enviadas o que tiver sido determinado e selecionado como desejável de ser encontrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da EaD acompanha a da ciência e a evolução das tecnologias de transporte, informação e comunicação, sendo, portanto, a educação *on-line*, ou a educação dos ambientes virtuais de aprendizagem, uma modalidade de educação relativamente recente. E, por isso, muitas são as inquietações e dúvidas que têm gerado grandes debates na área acadêmica.

Entre tantas especificidades atribuídas à EaD, compreendemos como imprescindível para que haja uma aprendizagem significativa, a comunicação e a colaboração da equipe de professores, tutores e alunos, acima de tudo, quebrando o “silêncio virtual”.

Nesse sentido, não só o aspecto tecnológico, mas principalmente a qualidade das relações humanas no processo de interação/mediação necessária ao ensino-aprendizagem, devem ser privilegiadas na EaD, de forma a contribuir para a motivação e permanência dos alunos nos cursos. E, só então, poderemos pensar em uma nova realidade educacional que realmente minimize os efeitos da exclusão e das diferenças sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, W. Educação a distância na universidade do século XXI. In: **Aquifolium no ar desde 2000**. Disponível em: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/spof2.html>>. Acesso em: 9 abr. 2006.

ALVES, L.; NOVA, C. (Org.). **Educação a distância**: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

ALVES, J. R. M. A história da EaD no Brasil. IN: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.) **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

ALVES, R. M.; ZAMBALDE, A. L.; FIGUEIREDO, C. X. **Ensino a distância**. Lavras UFLA/FAEPE. 2004.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 dez. 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade de EaD para Cursos de Graduação a Distância**. Brasília: MEC/SEED. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf> >. Acesso em: 20 jul. 2014.

CARMO, H. **Ensino superior a distância**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

DEMO, P. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADOTTI, M. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GIOLO, J. A educação a distância e a formação de professores. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1211-1234, set./dez. 2008 [

GOMES, A. V. A. **Educação a distância, tecnologias educacionais e o plano nacional de educação**: elementos para uma avaliação das metas. Brasília, DF: Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

GUAREZI, R. C. M; MATOS, M. M. **Educação a distância sem segredos**. Curitiba: IBPEX, 2009.

HARASIM, L. et al. **Redes de aprendizagem**: um guia para o ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Ed Senac, 2005.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EaD**: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARTINS, O. B. **Teoria e prática tutorial em educação a distância**. Curitiba: IBPEX, 2002.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MILL, D.; ABREU-E-LIMA, D.; LIMA, V. S.; TANCREDI, R. M. S. P. O Desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância nesse processo. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, ano 2, v. 2, n. 4, ago./dez. 2008. Disponível em: < <http://professor.cee.ce.gov.br/index.php/espacodaaula/modalidades-de-ensino/file/1914-o-desafio-de-uma-interacao-de-qualidade-na-educacao-a-distancia-o-tutor-e-sua-importancia-nesse-processo>. Acesso em: 20 jul. 2014.

NISKIER, A. **Educação a distância**: tecnologia da esperança. São Paulo: Loyola, 1999.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **O aluno virtual**. 1. ed. São Paulo: Artmed, 2004.

PRETI, O. **Autonomia do aprendiz na educação a distância**: significados e dimensões. Cuiabá: UFMT/NEAD, 2005. Disponível em: <www.nead.ufmt.br>. Acesso em: 19 jul. 2014.

PRETI, O (Org.) **Educação a distância**: construindo significados. Cuiabá: NEAD/UFMT; Editora Plano: Brasília, 2000.

SILVA, M. B. **O processo de construção de identidades individuais e coletivas do ser-tutor no contexto da educação a distância, hoje**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SCHLEMMER, E. O trabalho do professor e as novas tecnologias. **Revista Textual do Sinpro**, Porto Alegre: set 2006.

VALENTE, J. A. Educação a distância: uma oportunidade para a mudança no ensino. In: MAIA, Carmem (Org.). **EAD.BR**: Educação a distância no Brasil na era da internet. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000.

VAN DER LINDEN, M. M. G. **Introdução à educação a distância**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2010.